

**O THEATRO E O ACTOR  
(ESBOÇO  
PHILOSOPHICO DA ARTE DE  
REPRESENTAR). 2.A EDIÇÃO**

Published @ 2017 Trieste Publishing Pty Ltd

ISBN 9780649664566

O Theatro e o Actor (Esboço Philosophico da Arte de Representar). 2.a edição by J. Reis Gomes

Except for use in any review, the reproduction or utilisation of this work in whole or in part in any form by any electronic, mechanical or other means, now known or hereafter invented, including xerography, photocopying and recording, or in any information storage or retrieval system, is forbidden without the permission of the publisher, Trieste Publishing Pty Ltd, PO Box 1576 Collingwood, Victoria 3066 Australia.

All rights reserved.

Edited by Trieste Publishing Pty Ltd.  
Cover @ 2017

This book is sold subject to the condition that it shall not, by way of trade or otherwise, be lent, re-sold, hired out, or otherwise circulated without the publisher's prior consent in any form or binding or cover other than that in which it is published and without a similar condition including this condition being imposed on the subsequent purchaser.

[www.triestepublishing.com](http://www.triestepublishing.com)

**J. REIS GOMES**

**O THEATRO E O ACTOR  
(ESBOÇO  
PHILOSOPHICO DA ARTE DE  
REPRESENTAR). 2.A EDIÇÃO**



---

---

# **O Theatro e o Actor**

---

---

## ILLUSTRAÇÕES

<b>MUNET-SULLY</b> —Hamlet . . . . .	16
<b>J. BOUTET DE MONVEL</b> . . . . .	32
<b>J. ANASTACIO ROSA</b> . . . . .	64
<b>TALMA</b> . . . . .	96
<b>C. COQUELIN</b> —Cyrano de Bergerac . . . . .	128
<b>SARAH BERNHARDT</b> —Aiglon . . . . .	160
<b>ANTONIO PEDRO</b> —Paralytico . . . . .	192

J. REIS GOMES

---

# O Theatro e o Actor

(ESBOÇO PHILOSOPHICO DA ARTE DE REPRESENTAR)

---

2.<sup>a</sup> EDIÇÃO

---

---

LISBOA

Livraria Editora Viuva Tavares Cardoso

8—Largo de Camões—8

1908



## RAZÕES DO LIVRO

**D**EVERÁ parecer estranho a quem nos lêr, este facto singular d'intrometer-se em questões profissionaes, quem não tem para defesa da ousadia o escudo só permittido aos technicos ou aos criticos e philosophos d'arte.

Desculpar-nos-ha, no emtanto, aos olhos menos severos, o desinteresse das intenções que nos trouxeram até aqui?

Consagra-se ao theatro, nos ultimos tempos, lá por fóra, uma desvelada attenção: escrevem-se livros sobre o assumpto, inqueritos em revistas, artigos pelos jornaes...

Em Portugal accentua-se, similarmemente, o gosto pela arte dramatica ainda que sob



diferente fôrma: nos ultimos annos tem-nos visitado as maiores celebridades da scena franceza e italiana, affluindo o publico em massa a admirar os seus trabalhos. A corrente geral como o gosto culto estão, mesmo entre nós, indubitavelmente orientados para este processo d'arte.

Mas é pouco ficarmos por aqui, esperando pelas manifestações d'um theatro extranho, sorvendo, como delicia para nós inatingivel, as impressões d'arte que nos dão os seus artistas. Precisâmos bem cuidar do nosso, aproveitando este ardor das multidões que, ao escassear-lhes o objecto do seu apreço, rapido, derivam para os colyseus, trocando a futilidade do espectáculo pela grande commodidade que lá disfructam.

Pensemos, pois, em formar bons comediantes, aproveitando as aptidões naturaes que por ventura surjam, educando-as e desenvolvendo-as por meio d'uma conveniente instrucção geral e uma solida educação, especial, para o theatro.

Para isso - e n'essa intenção escrevemos estas paginas — torna-se ainda necessario animar os candidatos ao tablado pela elevação da arte que intentam professar, desfazendo antigos e inda existentes preconceitos, attrahindo ao palco gente educada e de principios, intelligente e com cultura, quali-

dades tão necessarias á interpretação da alta comedia, e ao moderno repertorio d'analyse.

A França. — bem ao contrario da Inglaterra, n'este ponto, á frente dos demais paizes pela consideração dispensada aos seus actores — conserva ainda um resto de preconceito que as concessões da Legião d'Honra aos comediantes celebres já mostram ir-se, pouco a pouco, desfazendo. Não deixam, contudo, alguns dos seus criticos e litteratos de fazer d'estes artistas uma classe quasi áparte, classe que soffreu ha annos, pela penna de Mirbeau, aggravos bem injustos e crueis.

O facto passou, com alguns protestos, sem no entanto se apagar um tal ou qual desdem pelas applicações de "crepe", e *cold-creams* e pelos farrapos que a verdade artistica por vezes vem vestir a essa plasta singularmente sensivel e intelligente que constitue os seus interpretes.

Taes inutilidades não obrigam a mais resposta, é certo, do que a que lhes dá Coquelín no seu volume "L'Art et le Comedien"; mas ácerca do valor intrinseco da obra do actor, aqui e alli deprimida (\*) — sem o fun-

---

(\*) Ainda ha poucos mezes, Henri Bataille feria essa nota depreciativa do talento do actor, n'uma resposta ao inquerito feito pela "Femina", a proposito da peça *Frères Jolidan* de Michel Corday.

damento d'uma razão seria e philosophica. — pensámos não ser de todo o ponto descabida a doutrina que se contém nos dois capitulos d'este livro "A intelligencia e os dotes phisicos.." e "O comediante é um artista?..", nos quaes expômos, fundados no que julgamos melhor logica, o nosso modesto e desinteressado modo de comprehender o mesmo assumpto.

No capitulo que intitulámos "Paradoxo de Diderot..", referimo-nos, mais particularmente, á interpretação dada por Coquelin a esse enunciado; julgámo-la digna de reparo, não só pela natureza dos principios que ella encerra, mas ainda porque a explanação parte d'um nome tão illustre no theatro, que muito deve pesar, por certo, no espirito de quem lê, e mais: de quem estuda.

Bem que alguns actores adoptem processo identico ao d'este artista nas repetições da mesma creação, julgando, comtudo, indispensavel a intervenção da sensibilidade no estudo do papel, Coquelin, talvez um pouco pelo encanto de ser paradoxal, vae mais adiante e nega, em absoluto, a interferencia d'essa faculdade na elaboração da obra scenica, o que vem collocar-a, manifestamente, fóra do campo reservado a todo o producto artistico.